



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

## **CORTES, CABOCLOS E CORAIS: O HIV/AIDS NO POEMA “PONTO DE CORTE”, DE BRUNA MITRANO**



## **CUTS, CABOCLOS AND CORALS: HIV/AIDS IN THE POEM “PONTO DE CORTE”, BY BRUNA MITRANO<sup>1</sup>**

LEANDRO NORONHA DA FONSECA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 21/07/2020 • APROVADO EM 23/09/2020

---

### **Abstract**

---

HIV/aids is a phenomenon that impacts the most diverse social spheres, including art, which has been fulfilling the function of elaborating humanizing speeches about a disease surrounded by prejudices and stigmas. Through a bibliographic survey, we observed that, in Brazilian literature, the theme predominates autobiographical and fictional works. However, its presence in contemporary poetry is little studied, which motivates the production of this essay, part of the work “**Tente entender o que tento dizer**” (Bazar do Tempo, 2018), the first poetic anthology published in Brazil and which explicitly turns for HIV/aids issues. Through commentary and analysis, an analysis methodology based on Candido (2006), we start from the poem “**Ponto de corte**”, by Bruna Mitrano, which is part of the anthology. In it, we observe the use of extremely current biomedical terms, which points to the consonance of the text with the current HIV/aids scenarios. The poem provides reflections on human vulnerability in the face of the uncertainties of life through the allegory

---

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

of religious figures, the syntactic incompleteness and the suspension of meaning of the verses through abrupt cuts marked graphically.

---

## Resumo

---

O HIV/aids é um fenômeno que impacta os mais diversos âmbitos sociais, inclusive a arte, que vem cumprindo a função de elaborar discursos humanizadores sobre uma doença cercada de preconceitos e estigmas. Por meio de levantamento bibliográfico, observamos que, na literatura brasileira, o tema predomina obras autobiográficas e de ficção. Porém, sua presença na poesia contemporânea é pouco estudada, o que motiva a produção deste ensaio, que parte da obra “**Tente entender o que tento dizer**” (Bazar do Tempo, 2018), primeira antologia poética publicada no Brasil e que se volta explicitamente para as questões do HIV/aids. Por meio do comentário e da análise, metodologia de análise fundamentada em Candido (2006), partimos do poema “**Ponto de corte**”, de Bruna Mitrano, o qual integra a antologia. Nele, observamos a utilização de termos biomédicos extremamente atuais, o que aponta para a consonância do texto com os cenários vigentes do HIV/aids. O poema propicia reflexões em torno da vulnerabilidade humana diante das incertezas da vida através da alegoria de figuras religiosas, das incompletudes sintáticas e da suspensão de sentido dos versos por meio de cortes abruptos marcados graficamente.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** HIV/aids. Contemporary Brazilian poetry. Bruna Mitrano.

**PALAVRAS-CHAVE:** HIV/aids. Poesia contemporânea brasileira. Bruna Mitrano.

---

## Texto integral

---

### 1. INTRODUÇÃO

O surgimento do HIV/aids no início da década de 1980 provocou impactos em diversos setores da sociedade. Inicialmente desconhecida, mobilizou governos, comunidade científica e sociedade civil em buscas de respostas para a contenção da disseminação da doença que atingiu fatalmente milhares de pessoas em todo o globo.

O alto potencial de letalidade de uma doença até então inexplicada, e que atingia as pessoas majoritariamente através das relações sexuais, fez emergir dois tabus enraizados nas sociedades ocidentais: a morte e o sexo. Como será discutido, os discursos formulados sobre o HIV/aids possuem um viés preconceituoso e discriminatório contra as pessoas mais vulneráveis à epidemia.

Tais discursos foram questionados e criticados nas mais diversas expressões artísticas, principalmente, por artistas soropositivos, ou que foram afetados de alguma maneira pelo HIV/aids. A literatura é uma destas expressões em que se busca a resignificação do imaginário coletivo sobre a doença por meio de uma elaboração estética da escrita, onde os autores, vivenciando a doença a partir de

suas realidades, abarcam determinados períodos históricos do HIV/aids, fenômeno que vem passando por transformações desde o seu surgimento.

Diante da vasta produção científica acerca de obras de ficção que tematizaram a epidemia, nos deteremos em um gênero pouco trazido para a reflexão quando o assunto é HIV/aids: a poesia. Desta forma, nos deteremos inicialmente sobre literatura e HIV/aids no Brasil para, assim, adentrar o poema **“Ponto de corte”**, escrito por Bruna Mitrano e publicado em 2018 na antologia **“Tente entender o que tento dizer”**.

## 2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O HIV/AIDS NA LITERATURA BRASILEIRA

Sontag (2007) explica que diversas doenças foram metaforizadas no decorrer da história, principalmente pela literatura ocidental. Doenças como sífilis, lepra, cólera e tuberculose foram vastamente exploradas em obras literárias. A autora coloca que “[...] doenças epidêmicas eram uma figura de linguagem comum para designar a desordem social” (SONTAG, 2007, p. 53). No caso do HIV/aids, o conservadorismo compreendeu a doença como “castigo divino” a uma sociedade que se mostrava, supostamente, condescendente com a liberalização da moral sexual nas sociedades ocidentais (CAMARGO JR., 1994, p. 44). É preciso lembrar que, como aponta Bastos (2006, p. 31), as décadas que precederam o surgimento da epidemia foram marcadas por diversas transformações sociais impulsionadas pelos movimentos anti-guerra, feministas, de afirmação étnico-racial e de minorias sexuais, principalmente nos Estados Unidos.

A noção de “peste” colocada às epidemias engendra visões segregacionistas. Existe uma ligação entre os imaginários de doença e o estrangeiro: a doença se configura como uma invasão, vinda de determinados grupos para corromper a normalidade de um todo social. O HIV/aids, assim, foi reconhecido como uma doença pertencente ao indivíduo em si, ou a integrantes dos chamados então “grupos de risco” - nomenclatura que, para Sontag, é negativa, pois representa a ideia de uma comunidade poluída (SONTAG, 2007, p. 114).

Para além dos seus contornos biomédicos, o HIV/aids é uma questão social, cujos impactos se resvalam também em âmbitos não materiais. A construção do imaginário coletivo sobre a doença foi possibilitada por inúmeras elaborações discursivas, principalmente pela comunidade médica e a imprensa. Como discorre Camargo Jr. (1994), termos como *gay cancer* e *Gay-Related Immune Deficiency (GRID)* foram cunhados por médicos, a fim de dar certa racionalidade à construção epidemiológica do HIV/aids. Assim, como complementa Soares (2001, p. 83) a relação entre a doença e a homossexualidade foi acentuada por parte dos cientistas, e disseminada pela imprensa brasileira que produziu conteúdos acerca da temática sob um viés alarmista e sensacionalista, explorando a imagem fragilizada dos doentes, principalmente daqueles em estágio avançado da aids<sup>2</sup>.

---

2 No período, a televisão espetacularizava a aids por meio de imagens de pessoas em estado avançado da doença, explorando o sofrimento destes indivíduos em hospitais, acometidos por doenças oportunistas visivelmente demarcadas no corpo (PERLONGHER, 1987, p. 53). Válido citar a presença do cantor Cazuza

Na contramão destes discursos hegemônicos, diversas iniciativas culturais surgiram para politizar a questão do HIV/aids de forma a questionar visões preconceituosas, humanizar as pessoas afetadas pela epidemia e manter viva a memória das vidas ceifadas pela aids. Altman (1997) explica que diversas iniciativas surgiram para propor este contraponto na música, no teatro, na literatura e em outras expressões artísticas. É extensa a lista de artistas que se propuseram a retratar o HIV/aids de forma distinta da apresentada principalmente pela indústria da comunicação. Como pontua Altman (1997), a maioria destas obras foram produzidas pelas pessoas atingidas pela epidemia, que tinham como ponto de partida suas próprias experiências. O autor explica que “[...] certamente, muito da literatura e das *performances* vem de pessoas que são soropositivas, e, portanto, elas escrevem, dançam e cantam suas próprias vidas” (ALTMAN, 1997, p. 121, grifo do autor). O autor também ressalva que tais conteúdos foram produzidos a partir da realidade norte-americana, e que o assunto deve ser compreendido a partir de contornos sociais e culturais distintos.

Tendo isto em vista, pensamos o Brasil também como território profícuo de expressões artísticas em torno do HIV/aids. Seria necessário um espaço muito mais amplo de reflexão para abarcar todas as obras, presentes desde na música até nas artes plásticas. Na literatura, âmbito que aqui nos interessa, a temática está presente em obras de Herbert Daniel, Silviano Santiago, Bernardo Carvalho, Alberto Guzik, Jean-Claude Bernardet, Valéria Piassa Polizzi, entre outros tantos escritores.

Caio Fernando Abreu (1948-1996) é o exemplo mais evidente das escritas literárias sobre HIV/aids no Brasil. O escritor gaúcho, que teve a vida interrompida em decorrência da aids, produziu uma série de contos e crônicas, além de um romance e uma dramaturgia, abordando a questão sob a ótica do período de maior latência da epidemia. Bessa (1997, p. 51) considera que o conto **“Pela noite”**, de 1983, é o primeiro texto literário no país a levantar a pauta. Além deste, Abreu trouxe também o HIV/aids para os contos **“Linda, uma história horrível”**, **“Os sapatinhos vermelhos”**, **“Dama da Noite”**, **“Mel e girassóis”**, para o romance **“Onde andaré Dulce Veiga?”**, a dramaturgia **“O homem e a mancha”** e a série de crônicas **“Cartas para além dos muros”**, publicadas no jornal O Estadão pouco antes da morte do escritor.

Sob distintas abordagens e metodologias, as obras de Abreu foram vastamente estudadas. Além de Bessa (1997), destacamos também o livro **“Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de Aids”**, organizado por Alós (2017) e em que diversos pesquisadores analisam a questão do HIV/aids nas obras de Caio Fernando Abreu. Em outra obra, Bessa (2002) dá continuidade às pesquisas, debruçando-se sobre produções autobiográficas que tematizaram a doença. As pesquisas de Marcelo Secron Bessa (1997; 2002), pioneiras no país, são essenciais para a reflexão sobre tais questões.

No entanto, mesmo diante da variedade de pesquisas sobre literatura brasileira e HIV/aids, não encontramos discussões específicas sobre a poesia. Longe de afirmar a total ausência de produções poéticas sobre o HIV/aids, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, obras autobiográficas e de ficção possuem maior protagonismo nas pesquisas acadêmicas. Diante da lacuna, nos propomos a refletir

---

na capa da Revista Veja, de 26 de abril de 1989. A imagem do artista, claramente afetado pela aids, foi estampada com a manchete **“Cazuza: Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”**.

sobre HIV/aids na poesia contemporânea brasileira a partir da obra **“Tente entender o que tento dizer”**, organizada pelo poeta e jornalista carioca Ramon Nunes Mello. Publicada em 2018 pela Editora Bazar do Tempo, é a primeira antologia poética publicada no Brasil voltada exclusiva e explicitamente sobre a questão do HIV/aids.

A obra reúne cento e um poemas de noventa e seis poetas brasileiros de distintas gerações, estilos e regiões do país. O livro abarca produções de autores pouco conhecidos e também de renomados, tais como Silvano Santiago, Annita Costa Malufe, Angélica Freitas, Marcelino Freire, Antonio Carlos Secchin, Chacal, Victor Heringer, Fabrício Corsaletti, Elisa Lucinda, entre outros. Além de seu caráter de ineditismo, a obra interessa também por trazer, por meio dos poetas selecionados, um panorama da atual poesia brasileira e sua pluralidade de vozes.

A antologia foi estudada por Fonseca (2019) na pesquisa **“HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia contemporânea brasileira”**, apresentada como trabalho de conclusão de curso da especialização em “Mídia, Informação e Cultura”, pelo Centro de Estudos Latino-americanos sobre Comunicação e Cultura (CELACC) da ECA/USP. O estudo se propôs a refletir, de maneira panorâmica, sobre os impactos no tratamento antirretroviral nas transformações sobre a tematização do HIV/aids a partir da antologia poética organizada por Mello.

Como forma de aprofundar o olhar sobre a antologia, vamos nos deter à reflexão sobre a temática a partir da crítica literária, que exige análise das obras a partir de suas estruturas e elaborações estéticas. A metodologia de análise do texto poético será fundamentada em Candido (2006, p. 25), que parte das etapas de comentário e interpretação, ou comentário analítico e análise interpretativa, para estudar os elementos internos e os pormenores do texto poético. Assim, levaremos em consideração os componentes fundantes do poema, tais como a sonoridade, o ritmo, as figuras de linguagem, entre outros. Também adotamos a concepção de Candido (2006), Bosi (1977) e Paz (1982) sobre a natureza polissêmica da linguagem poética.

Tendo em vista a vastidão de obras que suscitam um olhar mais apurado, trazemos como objeto principal de investigação o poema **“Ponto de corte”**, de Bruna Mitrano, publicado na antologia **“Tente entender o que tento dizer”**. Como será discutido adiante, o texto propõe a uma reflexão profundamente contemporânea sobre o HIV/aids, levantando reflexões acerca de alguns preconceitos formulados em torno da doença e que ainda são presentes, mesmo diante das transformações no cenário sobre HIV/aids no Brasil.

### 3. ANALISANDO O “PONTO DE CORTE”, DE BRUNA MITRANO

Bruna Mitrano é uma poeta nascida em 1985 na periferia do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), publicou o livro **“Não”** (Ed. Patuá, 2016), além de ter poemas publicados em diversas revistas literárias, nacionais e internacionais, e também em antologias, como é o caso de **“Tente entender o que tento dizer”**.

O poema “**Ponto de corte**”, de Bruna Mitrano, é composto por onze estrofes de versos livres. Como será visto adiante com maior profundidade, a organização das estrofes é feita para criar efeitos acerca da temática levantada no texto, reforçada por termos específicos da área da saúde.

nunca contei cd4  
nem fiz pep prep

trava língua que  
eu devia conhecer  
quando

é difícil falar  
respira

a coral escapa  
da cinta do caboclo

e escala o corpo  
e entra pela boca

a demônia é a febre  
mas é menos febre  
que a hora e o dente

no lugar incerto (  
diz-se indeterminado)

respira

na *zona cinza*  
acima do cut-off  
é difícil às vezes é  
impossível

respirar  
fala

existe uma janela.

(MITRANO, 2018, p. 53-54, grifo da autora)

Na primeira estrofe são utilizados termos específicos do campo do HIV/aids. O CD4 é um termo técnico para os linfócitos, células de defesa do corpo humano, as primeiras a serem atingidas pela infecção do vírus. A disseminação do vírus provoca

a diminuição do número de linfócitos que enfraquece o sistema imunológico e, conseqüentemente, provoca o surgimento de doenças oportunistas. A contagem de CD4 é utilizada em análises clínicas, como em testes sorológicos. Esse procedimento também é feito no acompanhamento médico de pessoas que vivem com HIV ou aids, como forma de monitorar a quantidade destas células de defesa por meio exames regulares (BRASIL, 2018a).

A profilaxia pós-exposição (PEP) se caracteriza pela utilização de antirretrovirais em até setenta e duas horas após um contato de risco. A PEP reduz as chances de infecção pelo vírus e deve ser usada durante vinte e oito dias. Já a profilaxia pré-exposição (PrEP) é pautada no uso de antirretrovirais antes que o indivíduo entre em contato com o HIV. Porém, o uso da PrEP protege apenas do HIV, e não de outras infecções sexualmente transmissíveis, tais como a sífilis, as hepatites B e C, a gonorreia etc. (BRASIL, 2018b). Sua distribuição gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) alterou o paradigma do preservativo como ferramenta única de prevenção. O recurso tem sido uma alternativa para indivíduos que não desejam ou não conseguem utilizar o preservativo nas relações sexuais.

Na segunda estrofe (“trava língua que/ eu devia conhecer/ quando”), o sujeito lírico mostra total desconhecimento de tais procedimentos e insumos de prevenção. A incompletude sintática do último verso (“quando”) provoca a suspensão do sentido do verso em uma dinâmica similar ao das reticências. A poeta provoca uma lacuna, deixa reticente o momento em que o sujeito lírico necessitava das informações de cunho biomédico. Deixa ao leitor a pergunta: que momento é este?

A terceira estrofe (“é difícil falar/ respira”) intensifica a suspensão. A densidade do assunto impede que o sujeito lírico dê continuidade no que vinha desenvolvendo desde o primeiro verso. A dificuldade de falar, sobre o assunto, provoca ansiedade e angústia no sujeito lírico, que recorre à respiração, ou à calma, para dar continuidade ao assunto e encerrar o mistério estabelecido até então.

Podemos ler a quarta estrofe (“a coral escapa/ da cinta do caboclo”) como o prosseguimento do assunto interrompido a partir do quinto verso (“quando”). O sujeito lírico se cobra por ter desconhecimento sobre métodos preventivos quando mais precisou, ou, quando a coral escapou do caboclo. Entretanto, a quarta estrofe suscita questionamentos: por que a poeta traz especificamente a coral para o poema, e não “cobra” de modo mais generalista? Qual a especificidade dessa espécie que a poeta visou demarcar? Quem é ou o que representa o caboclo? Qual a sua relação com a coral?

A coral é uma espécie de cobra de pequeno porte, mas altamente venenosa. Ao contrário de outras espécies, a coral não arma botes, é geralmente calma e não avança contra o ente ameaçador. Suas presas são curtas e medem menos de um centímetro. O ataque acontece quando existe forte aproximação com o animal: quando pisam nele, por exemplo, ou quando é manuseado (FREITAS, 2003; FRAGA *et al*, 2013).

Entre o medo e o respeito, a repulsa e a adoração, historicamente os seres humanos se relacionaram com as cobras de formas dicotômicas, a partir de culturas e realidades distintas. A tradição católica tende a encarar as cobras como um símbolo negativo do pecado original e da mentira. Já algumas comunidades indígenas da Amazônia as veem como símbolo de vitalidade e destemor. Também

representam cura e renovação em religiões como hinduísmo e o xamanismo. Na Grécia Antiga, os primeiros procedimentos médicos, ainda cercados de aspectos religiosos, ocorriam em templos que cultuavam Esculápio, deus da cura e nascido em formato de serpente. O símbolo da cobra, por influências gregas, atualmente representa algumas áreas da saúde, como a medicina, a odontologia, a farmácia, entre outras (FRAGA *et al*, 2013, p. 72-76).

Tendo em vista a pluralidade de representações simbólicas da cobra nas mais diversas épocas e culturas, nos voltamos à estrutura do poema. A cobra-coral, espécie delimitada pela poeta, está diretamente relacionada ao caboclo na quarta estrofe. Cabe, portanto, fazermos uma breve reflexão sobre esta figura, que possui alguns significados na língua portuguesa.

O caboclo é um indivíduo mestiço de branco com indígena, ou negro com indígena. A palavra também designa o indivíduo morador do sertão, com poucas instruções - “caipira”, “matuto” (FERNANDES *et al*, 1996, p. 114). No entanto, não nos parece que a poeta tenha utilizado a palavra neste sentido, pois não há nenhum elemento no texto que faça essa referência. A relação - e, portanto, a aproximação - que a poeta faz com as palavras “coral” e “caboclo” nos remete ao Caboclo Cobra-Coral, uma das entidades mais conhecidas na Umbanda.

Na Umbanda, os caboclos são uma linha de entidades ligadas à natureza. O Caboclo Cobra-Coral é representado pela figura de um homem indígena. Na tradição umbandista, este caboclo cumpre diversas funções e representa uma variedade de significados, mas quase sempre está relacionado ao saber da natureza, ao conhecimento mágico e curativo (NOGUEIRA, 2014).

Na tradição candomblecista, existe uma ligação entre o Caboclo Cobra-Coral e Oxumarê, orixá representado como uma serpente-arco-íris. Símbolo da atividade, do movimento e da continuidade, o orixá também representa a riqueza e a fecundidade e se apresenta tanto no gênero masculino, quanto no feminino (VERGER, 2018; RIBEIRO, 2017). De acordo com a tradição do Candomblé, o orixá consegue substituir a chuva pelo arco-íris por meio de sua faca de bronze. O orixá também está relacionado à questão da cura. Em uma de suas lendas, Oxumarê é chamado por Olodumare para recuperar a visão do filho; em outra, Olocum recorre ao orixá visando a cura do seu filho adoecido. A tradição conta, ainda, que Oxumarê era um jovem de alta beleza, desejado tanto por homens, quanto por mulheres. Certo dia, Xangô o chama para seu palácio no intuito de sequestrá-lo e abusá-lo; é salvo por Olorum, que o transforma em serpente, possibilitando sua escapatória entre as frestas de uma porta (PRANDI, 2001).

Na Umbanda, as iconografias da entidade variam, mas ela pode ser comumente apresentada como um indígena portando uma cobra-coral no corpo, às vezes no braço, mas quase sempre presa em uma das mãos da entidade. A coral também aparece regularmente amarrada na cintura do indígena, como um cinto. Portanto, o Caboclo Cobra-Coral é quem domina com as próprias mãos a peçonha das cobras. No poema, a coral, venenosa e que ataca quando em contato muito próximo com outro corpo, deveria ser controlada pelas mãos do Caboclo.

Ainda sobre os aspectos iconográficos da entidade, a cobra se localiza na região da cintura, enrolada feito cinta. A cinta é um acessório que segura, que prende, objeto relacionado à segurança. Assim, a coral escapa dos limites de seu



dominador, que tem poder sobre o seu veneno: ela se afasta, portanto, dos limites da proteção. Solta do caboclo, a cobra está livre para impingir o seu veneno.

Ribeiro (2017, p. 15-16) aponta que, na psicologia, a cobra simboliza o inconsciente e a libido. Pela perspectiva freudiana, é símbolo fálico ligado à sexualidade e aos desejos reprimidos. A autora coloca que a imagem da serpente está relacionada ao órgão sexual feminino em manifestações rupestres no neolítico asiático e em comunidades ameríndias.

Além de suscitar interpretações acerca das entidades de religiões de matriz africana, a poeta parece também fazer uma referência metafórica ao pênis quando relaciona, no texto, a cobra com a cinta, esse objeto do vestuário que circunda a cintura, pouco acima dos órgãos sexuais. A abertura da cinta (ou o despir de um vestuário) possibilita a saída da cobra, ou do falo, que percorre o corpo e “entra pela boca” - aqui, talvez, uma referência ao sexo oral.

Pela boca se mata a sede e a fome. Por ela, também se saciam os desejos da carne. Uma interpretação possível da quarta e quinta estrofes pode partir destes aspectos apresentados: a cobra coral, ou o falo, foge dos limites da proteção - seja das mãos do Caboclo, seja de um método preventivo - para percorrer o corpo e seus orifícios. Aqui, não há domínio sobre o seu veneno.

A coral venenosa, aqui colocada como “demônia”, é a “febre”. A febre é um dos sintomas possíveis do início da infecção pelo HIV, mas não nos parece que o poema utilize a palavra neste sentido. A febre aqui pode ser entendida como desejo. A febre estremece, arrepiam a pele e pode causar alucinações. Tal qual o desejo sexual, arde no interior do corpo, invisível. O ardor está justamente no momento (a hora) da excitação dos corpos.

O “dente” retoma o sentido de interioridade da palavra “boca”, também propiciada por aspectos rítmicos e pelas rimas internas, consoantes e toantes, das quarta e quinta estrofes (“escapa”, “escala” / “caboclo”, “corpo”). Entretanto, ganha outros contornos: o dente tritura, rasga, prende pela mordida, range pela fricção. Também é o lugar do encontro: dente com dente, dente com alimento, dente com o corpo do outro.

A sétima estrofe - “no lugar incerto ( / diz-se indeterminado)” - carrega um sentido de indeterminação que transcorre nas estrofes seguintes. O desejo carnal que lateja também se apresenta “no lugar incerto”, “indeterminado”, no momento - a hora - mais inesperado. Na hora mais inesperada, o desejo está lá, em ardência.

O sentido de indeterminação é reforçado graficamente pela poeta através do deslocamento dos parênteses. É por meio destes sinais de pontuação ( ) onde se inserem informações complementares em uma oração ou, neste caso, no verso. No primeiro verso da sétima estrofe, o parêntese inicial está onde, formalmente, não deveria estar. Portanto, há uma ruptura, uma brecha, uma abertura. Assim como a cobra que escapa das mãos, assim como tudo que foge dos planos, escapa-se também a indeterminação. Toda incerteza está naquilo que não se pode controlar.

A oitava estrofe (“respira”), um monóstico, retoma a suspensão proposta pela poeta na terceira estrofe. Diante da densidade do assunto, o sujeito lírico novamente necessita recobrar o fôlego. A utilização desse recurso será retomada, de forma um pouco diferente, na décima estrofe. Como podemos observar, a poeta faz pausas regulares em três momentos do texto. Esse recurso provoca uma interrupção que propicia uma atmosfera de constantes *cortes* durante o desenvolvimento da “fala”

do sujeito lírico. Portanto, o sentido literal de corte se encontra na estrutura do poema, que rompe com a linearidade discursiva em três momentos específicos. A construção reforça a ideia de densidade do assunto, que impede o sujeito lírico de desenvolver sua “fala” de forma continuada.

Na nona estrofe (“na *zona cinza*/ acima do *cut-off*/ é difícil às vezes é/impossível”), a poeta recorre outra vez a termos técnicos da área biomédica para criar sentidos no texto. Como primeiro passo, vamos trazer as definições técnicas dos termos “zona cinza” e “cut-off” para, posteriormente, refletir como a escritora elaborou poeticamente esses conceitos científicos.

Utilizado em análises clínicas, o *cut-off* (ou ponto de corte - expressão que dá título ao poema) é o valor numérico de referência de uma reatividade que delimita a interpretação de que o exame esteja positivo ou negativo. O *cut-off* é um valor numérico variável de acordo com a metodologia usada, definido pelo desenvolvedor da técnica (BRASIL, 1998). Geralmente, o *cut-off* vem ao lado do resultado de um exame como “valor de referência”, como em exames de glicose, por exemplo (*valor de referência: acima de 110 - anormal, abaixo - normal*).

A zona cinza (ou *gray zone*) é o resultado indeterminado, duvidoso, que demanda avaliação de histórico e reações do paciente, além da realização de outros exames. O resultado do exame vai depender da arbitrariedade do profissional de saúde, ou seja, análise e interpretação de quem o lê. Diferente do falso positivo/negativo<sup>3</sup>, a zona cinza é uma situação específica de um diagnóstico (BRASIL, 1998).

Tecnicamente, se o diagnóstico se encontra na zona cinza, ele não está acima do corte (pois é um resultado indeterminado), como está posto na nona estrofe. Os resultados acima do corte são considerados positivos (reagentes), e abaixo do corte são negativos (não reagentes). Na estrofe mencionada, a poeta realizou a elipse de uma conjunção alternativa, que também assume um caráter aditivo. Assim, a existência da dificuldade do respiro no lugar incerto **ou/e** na zona cinza **ou/e** acima do *cut-off* é uma das leituras possíveis do trecho analisado. O terceiro verso da nona estrofe se inicia e finda com o verbo “é”. A repetição da afirmação reforça o sentido de certeza da impossibilidade de respirar, como posto na estrofe seguinte.

O cinza também é uma cor intermediária entre o branco e o preto. Além do sentido literal de “zona cinza”, podemos encarar a expressão como um estado entre dois pólos, um território que, quando pisado, faz mediação entre dicotomias.

Os sentidos apresentados na nona estrofe podem ser esquematizados da seguinte forma: **zona cinza (dúvida) → resultado positivo (certeza) → dúvida que causa angústia**. O que impulsiona a realização de uma testagem é o desejo da resposta. A poeta faz uma alegoria da testagem sorológica para dizer que, diante de um diagnóstico incerto ou certo, a dúvida sempre habitará aqueles que buscam a certeza. Qual o verdadeiro resultado do exame? O que fazer daqui pra frente com a certeza do exame? Entre o preto e o branco, entre o sim e o não, a cinzenta dúvida sempre existirá.

---

<sup>3</sup> “**Falso-negativo**: é um resultado negativo em um teste para uma doença ou condição quando a doença ou condição de interesse está presente. **Falso-positivo**: é um resultado positivo em um teste para uma doença ou condição quando a doença ou condição de interesse está ausente” (BRASIL, 2013, p. 09, grifos do autor).

Bosi (1977, p. 141) aponta que a essência de indivíduos e objetos foi norteadas nas ações diárias por uma lógica produtivista e seus valores tomaram parâmetros hierárquicos a partir de determinada posição ou status social. Como discorre Candido (2006, p. 113), o sentido geral das palavras é deslocado pela poesia, que cria seu sentido particular objetivando a expressão por meio de uma elaboração criativa e estética. Assim, as palavras elaboradas poeticamente fogem da linguagem convencional cotidiana.

Ainda neste sentido, Paz (1982, p. 25-26) afirma que a natureza original da linguagem, limitada pela prosa e a fala cotidiana, é resgatada pelo poema através de sua sonoridade, sua estética e seus significados. No poema, a palavra apresenta a sua profundidade e seus valores semânticos em totalidade, “[...] como um fruto maduro ou como um foguete no momento de explodir no céu. O poeta põe em liberdade sua matéria. O prosador aprisiona-a.” (PAZ, 1982, p. 25-26).

Como visto anteriormente, os termos de cunho científico, considerados “trava línguas” pelo sujeito lírico, fazem parte do universo do tratamento e da prevenção do HIV/aids, assim como as expressões “zona cinza”, “cut-off” e “janela” (imunológica), que integram o conjunto de parâmetros para a análise de testes sorológicos. A poeta se apropria de termos biomédicos para além de seus significados e usos oficiais, buscando explorar outros sentidos que cercam a temática.

Retomando os pensamentos de Bosi (2015), existe uma tensão entre o que o autor chama de prosa pragmática, ou prosa/linguagem ideológica, e a subjetividade múltipla do poeta. A linguagem poética se diferencia dos convencionalismos por meio de elaborações estéticas que evocam a musicalidade, as imagens poéticas e as metaforizações no intuito de ampliar sentidos e, portanto, interpretações. Por se opor à linguagem hegemônica, do senso comum, a poesia possui um caráter de resistência, pois “[...] a linguagem da poesia envolve essas ambiguidades, porque está carregada de conotação e polissemia” (BOSI, 2015, p. 12).

Partindo deste pressuposto, consideramos que a linguagem utilizada por Mitrano (2018) em “**Ponto de corte**”, de certa forma, faz uma resistência não apenas à linguagem científica, mas ao seu pragmatismo que necessita de certezas, de uniformizações, de sins e de não. A dúvida é acolhida e cultivada em todo o poema, como podemos observar na décima estrofe, que retoma o sentido de suspensão e de corte narrativo presentes nas terceira e oitava estrofes.

Observamos que, desde o início do poema, o sujeito lírico se utiliza de verbos em primeira pessoa (“nunca contei”; “eu devia”). Portanto, o uso repetido da palavra “respira” denota uma conversa do sujeito lírico consigo próprio. É como se pedisse a si mesmo a calma, o respiro necessário para prosseguir a sua elaboração lírica. O verbo infinitivo “respirar” dá continuidade aos versos da estrofe anterior. A partir das reflexões feitas até aqui, uma leitura possível do poema é a de que, diante das incertezas da vida, sempre haverá algo para nos tirar o fôlego.

A conversa interior do sujeito lírico é retomada no segundo verso da penúltima estrofe (“respirar/ fala”). A palavra “fala” cumpre a mesma dinâmica da palavra “respira”, ou seja, o sujeito lírico volta a falar consigo próprio. A pausa é feita para recobrar não apenas o ar, mas também a continuidade do discurso, pois a densidade do assunto dificulta até mesmo o seu prosseguimento.

Na última estrofe (“existe uma janela”), também um monóstico, a palavra “janela” ganha sentido plural. A partir da alegoria da testagem sorológica presente na estrutura do poema, “janela” remete à janela imunológica. Tecnicamente, a expressão designa “[...] a duração do período entre a infecção pelo HIV até a primeira detecção de anticorpos anti-HIV” (BRASIL, 2013, p. 09). As testagens realizadas dentro do período da janela imunológica podem dar resultados indeterminados. Nestes casos, se encontrarão na zona cinza. Como vimos na nona estrofe, a dúvida é um espaço cinzento, e a (in)certeza pertence aos dois lados da mesma moeda.

E a janela também é uma possibilidade. Apesar de não estar explícito no poema se a janela está aberta ou fechada, o objeto é comumente relacionado a aberturas - um ambiente sem janelas é sempre sufocante: não há espaço para a plena respiração. Assim é o espaço cinza da dúvida. A estrutura do poema indica essa relação por meio dos cortes das terceira, oitava e décima estrofes. Além delas, o espaço em branco entre uma estrofe e outra, marcado graficamente no poema, é também o espaço da ausência do respiro do sujeito lírico e da suspensão da certeza absoluta - certeza, esta, tão cara às ciências.

A partir das reflexões feitas sobre a transcendência dos sentidos dos termos biomédicos por meio da elaboração poética de Mitrano (2018), e também sobre as ideias levantadas por Paz (1982), Candido (2006) e Bosi (1977; 2015) sobre a natureza oposta da linguagem poética em relação a linguagem hegemônica, consideramos que o poema “**Ponto de corte**” alarga a compreensão sobre os limites da vida. O sujeito lírico expande os sentidos estritos dos termos “zona cinza” e “cut-off” para representar a dúvida e angústia diante de situações indeterminadas, que, por vezes, fogem dos limites da racionalidade. A mesma dinâmica ocorre com a “janela” (imunológica), que aponta para as aberturas, as possibilidades. Este sentido é também reforçado pela fuga da coral e pelo deslocamento dos parênteses na sétima estrofe. Assim sendo, refletimos sobre a vulnerabilidade humana em relação não apenas a saúde sexual, mas a tudo aquilo que habita o universo do incerto.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do HIV/aids na literatura brasileira nos mostra uma variedade de percepções acerca da doença, que, em sua maioria, tenta responder, mesmo que de forma inconsciente, aos discursos discriminatórios contra as pessoas mais afetadas pela epidemia. Protagonizada principalmente por pessoas vivendo com HIV/aids, a literatura buscou humanizar estes indivíduos a partir de abordagens que se transformaram com o próprio desenvolvimento histórico da doença. Percebemos a prevalência de estudos acerca de obras ficcionais ou autobiográficas, principalmente as relacionadas ao conjunto de obras do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, vastamente discutido e analisado em produções acadêmicas.

Assim, a ausência de discussões em torno do HIV/aids em interface com a poesia motivou a elaboração do presente ensaio, que se debruça, mesmo que de forma pontual, sobre a antologia poética “**Tente entender o que tento dizer**”, organizada por Ramon Nunes Mello e que representa um marco sobre a tematização da doença na poesia contemporânea brasileira.

A partir de análise e interpretação da obra **“Ponto de corte”**, de Bruna Mitrano, a qual integra a antologia, percebemos uma profunda consonância da temática do HIV/aids com os tempos atuais. A utilização de termos como “PEP” e “PrEP” apontam a contemporaneidade do texto: enquanto políticas públicas, tais insumos de prevenção surgiram após o ano de 2010, onde passam a ser distribuídos gratuitamente pelo SUS como uma possibilidade a mais na prevenção ao HIV. Portanto, ao citar tecnologias atuais de prevenção, o sujeito lírico demarca a sua realidade histórica.

O poema se apropria de terminologias que circundam o universo da medicina para transformar os seus sentidos hegemônicos e, através da linguagem poética e de seu imenso campo de possibilidades, desloca o entendimento destes processos para o campo da subjetividade humana. Por meio de elipses e incompletudes sintáticas que resultam na suspensão de sentido de alguns versos, o poema elabora uma atmosfera de indeterminação, expressa também graficamente nos espaços em branco entre uma estrofe e outra. Assim, a obra remete ao seu próprio título, possibilitando a experiência de cortes periódicos que adensam o sentido de indeterminação. Ao contrário de um sim, ou um não, buscado em um teste sorológico, o poema não dá ao leitor respostas prontas.

**“Ponto de corte”** une em sua estrutura referências religiosas e científicas, que são apropriadas no intuito de evidenciar a fragilidade humana diante das incertezas da vida. Quando o corpo arde em desejo, o controle pode escapar de nossas mãos, tal como a coral diante do caboclo. Na questão da saúde sexual, em uma relação íntima o controle sobre a possibilidade de infecção pelo HIV - e também de outras infecções sexualmente transmissíveis - pode não ocorrer, sejam quais forem os motivos, ainda mais se os indivíduos não possuem informações sobre métodos de prevenção, tal qual aponta o sujeito lírico do poema. Esta reflexão nos possibilita fazer uma crítica aos “grupos de risco”, expressão marginalizante e que atua no processo de estigmatização de determinados indivíduos. Ao cunhar a expressão para delimitar populações mais vulneráveis à determinadas enfermidades, cria-se a falsa sensação de “imunidade” para outros setores da sociedade, fazendo com que eles não se aproximem dos cuidados médicos necessários para a prevenção ou tratamento específicos. Assim, o poema nos presenteia com uma necessária reflexão: todas as pessoas sexualmente ativas, independente de quaisquer marcadores sociais, são passíveis de entrar em contato com o HIV/aids. É uma questão que deve estar vinculada de forma ampla na sociedade, e não apenas a determinados grupos.

Ao leitor que se propõe a penetrar com profundidade neste poema de Bruna Mitrano, restará também a dúvida. Mais importante do que o resultado do teste indicado no texto, é a ciência de que, nas frestas e nas aberturas da vida ou do corpo, sempre existirá a possibilidade de algo acontecer. A certeza das coisas, assim como o futuro, escapa por entre nossos dedos, seja em um momento íntimo, seja na busca por respostas concretas de um teste sorológico. Haverá sempre um corte, uma abertura no controle da vida, uma zona cinza onde a dúvida sempre reinará.

---

## Referências

---

ALTMAN, Dennis. **Poder e comunidade:** respostas organizacionais e culturais à AIDS. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1995.

BASTOS, Francisco Inácio. **Aids na Terceira Década.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas:** a literatura (des)construindo a Aids. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BESSA, Marcelo Secron. **Os perigosos:** autobiografias & Aids. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

BOSI, Alfredo. Poesia Resistência. *In:* BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1977. p. 139-192

BOSI, Alfredo. Poesia como resistência à ideologia dominante. Entrevista cedida a Paulo Hebmüller e Daniel Garcia. **Revista Adusp**, São Paulo, dez. 2015. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/58/mat01.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Triagem e diagnóstico sorológico em unidades hemoterápicas e laboratórios de saúde pública.** Brasília: Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids, 1998. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08\\_08.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd08_08.pdf). Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV.** Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais, 2013. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual\\_tecnico\\_diagnostico\\_infeccao\\_hiv.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_tecnico_diagnostico_infeccao_hiv.pdf). Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos.** Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2013/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-manejo-da-infeccao-pelo-hiv-em-adultos>. Acesso em: 16 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de Risco à Infecção pelo HIV.** Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pre-exposicao-prep-de-risco>. Acesso em: 16 jul. 2020.

CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. **As ciências da AIDS & A AIDS das ciências: discurso médico e a construção da AIDS**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1994.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FERNANDES, Francisco *et al.* **Dicionário Brasileiro Globo**. 45 ed. São Paulo: Globo, 1996.

FONSECA, Leandro Noronha da. **HIV/Aids e narrativas pós-coquetel na poesia contemporânea brasileira**. Monografia (Especialização em Mídia, Informação e Cultura). Centro de Estudos Latino-americanos sobre Cultura e Comunicação, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/blogs/hivaid-narrativas-pos-coquetel-poesia-contemporanea-brasileira>. Acesso em 16 jul. 2020.

FRAGA, Rafael de. *et al.* **Guia de cobras da região de Manaus: Amazônia Central**. Manaus: Editora Inpa, 2013.

FREITAS, Marco Antonio de. **Serpentes Brasileiras**. Lauro de Freitas, 2003.

MITRANO, Bruna. Ponto de corte. *In*: MELLO, Ramon Nunes (org.). **Tente entender o que tento dizer: poesia + hiv/aids**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

NOGUEIRA, Pedro Antonio Pires. **O diálogo intra-religioso na umbanda: um estudo a partir da figura do Caboclo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/bitstream/ufjf/510/1/pedroantoniopiresnogueira.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. 2. ed. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERLONGHER, Nestor. **O que é Aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

RIBEIRO, Maria Goretti. **Imaginário da serpente de A a Z**. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas: Aids, imprensa e linguagem**. São Paulo: Annablume, 2001.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, Aids e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás**. Salvador: Editora Fundação Pierre Verger, 2018.

---

**Para citar este artigo**

---

FONSECA, L. N. da. Cortes, caboclos e corais: o HIV/aids no poema Ponto de Corte, de Bruna Mitrano. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 9, n. 4, 2020, p. 648-663.

---

**O Autor**

---

LEANDRO NORONHA DA FONSECA é mestrando em Letras / Estudos Literários (PPG-Letras/UFMS/CPTL).